

IDEAU

IMPLICAÇÕES DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA MULHERES SOB A ÓTICA DA TERAPIA SISTÊMICA**IMPLICATIONS OF GENDER BASED VIOLENCE AGAINST WOMEN FROM A SYSTEMIC THERAPY PERSPECTIVE****IMPLICACIONES DE LA VIOLENCIA DE GÉNERO CONTRA LAS MUJERES DESDE LA PERSPECTIVA DE LA TERAPIA SISTÉMICA****Rebeca Bandeira Peixoto**Graduanda em Psicologia, Faculdade Metropolitana de Manaus (FAMETRO),
Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: reixoto7@gmail.com**Lívia Barbosa de Oliveira**Graduanda em Psicologia, Faculdade Metropolitana de Manaus (FAMETRO),
Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: liviabar2017@gmail.com**Maria Eduarda Delduque Pereira**Doutoranda em Psicologia, Centro Universitário FAMETRO (FAMETRO),
Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: dudadelpereira@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-0503-7642>**RESUMO**

A violência de gênero contra mulheres constitui um fenômeno complexo, permeado por fatores históricos, sociais e culturais que refletem desigualdades estruturais e a persistência de padrões patriarcais na sociedade. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo analisar as implicações dos estigmas de gênero na violência contra mulheres, considerando como tais construções socioculturais influenciam tanto a vivência do sofrimento quanto as respostas oferecidas pelos contextos familiares e sociais. Trata-se de uma revisão narrativa realizada a partir da análise de artigos publicados entre 2016 e 2026. Os resultados evidenciam que crenças associadas à masculinidade e à feminilidade contribuem para processos de silenciamento, culpabilização das vítimas e perpetuação das violências, além de impactarem diretamente as formas de enfrentamento e elaboração das experiências vividas. Observa-se, ainda, que a abordagem da terapia sistêmica se apresenta como uma importante lente teórica para a compreensão das dinâmicas relacionais envolvidas, possibilitando a identificação de padrões disfuncionais, a ressignificação de vínculos e o fortalecimento da autonomia feminina. Conclui-se que a articulação entre estigmas de gênero, violência de gênero e contextos relacionais é fundamental para o desenvolvimento de intervenções psicológicas mais eficazes, que

DOI:10.55905/reiv6n1-041

Submitted on: 5.20.2026| Accepted on: 5.22.2026| Published on: 6.3.2026

considerem as dimensões emocionais, sociais e culturais, contribuindo para o acolhimento qualificado e para a reconstrução das trajetórias de mulheres em situação de violência.

Palavras-chave: Violência Sexual. Violência de Gênero. Terapia Sistêmica. Violência Contra Mulher.

ABSTRACT

Gender-based violence against women constitutes a complex phenomenon permeated by historical, social, and cultural factors that reflect structural inequalities and the persistence of patriarchal patterns in society. In this context, the present study aimed to analyze the implications of gender stigmas in violence against women, considering how such sociocultural constructions influence both the experience of suffering and the responses offered by family and social contexts. This is a narrative review based on the analysis of articles published between 2016 and 2026. The results showed that beliefs associated with masculinity and femininity contribute to processes of silencing, victim blaming, and the perpetuation of violence, in addition to directly impacting the ways in which lived experiences are confronted and elaborated. Furthermore, the systemic therapy approach emerges as an important theoretical lens for understanding the relational dynamics involved, enabling the identification of dysfunctional patterns, the resignification of bonds, and the strengthening of female autonomy. It is concluded that the articulation between gender stigmas, gender-based violence, and relational contexts is fundamental for the development of more effective psychological interventions that consider emotional, social, and cultural dimensions, contributing to qualified support and to the reconstruction of the life trajectories of women experiencing violence.

Keywords: Sexual Violence. Gender-Based Violence. Systemic Therapy. Violence Against Women.

RESUMEN

La violencia de género contra las mujeres constituye un fenómeno complejo, permeado por factores históricos, sociales y culturales que reflejan desigualdades estructurales y la persistencia de patrones patriarcales en la sociedad. En este contexto, el presente estudio tuvo como objetivo analizar las implicaciones de los estigmas de género en la violencia contra las mujeres, considerando cómo dichas construcciones socioculturales influyen tanto en la vivencia del sufrimiento como en las respuestas ofrecidas por los contextos familiares y sociales. Se trata de una revisión narrativa realizada a partir del análisis de artículos publicados entre 2016 y 2026. Los resultados evidenciaron que las creencias asociadas a la masculinidad y la femineidad contribuyen a procesos de silenciamiento, culpabilización de las víctimas y perpetuación de las violencias, además de impactar directamente las formas de afrontamiento y elaboración de las experiencias vividas. Asimismo, se observa que el enfoque de la terapia sistémica se presenta como una importante perspectiva teórica para la comprensión de las dinámicas relacionales involucradas, posibilitando la

identificación de patrones disfuncionales, la resignificación de vínculos y el fortalecimiento de la autonomía femenina. Se concluye que la articulación entre los estigmas de género, la violencia de género y los contextos relacionales es fundamental para el desarrollo de intervenciones psicológicas más eficaces, que consideren las dimensiones emocionales, sociales y culturales, contribuyendo a una acogida cualificada y a la reconstrucción de las trayectorias de vida de las mujeres en situación de violencia.

Palabras clave: Violencia Sexual. Violencia de Género. Terapia Sistémica. Violencia Contra las Mujeres.

1 INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher, em suas diversas manifestações, configura-se como um fenômeno multifacetado, atravessado por dimensões sociais, culturais, históricas e psicológicas, que refletem e perpetuam desigualdades de gênero nas relações. Nesse contexto, a violência sexual destaca-se como uma das formas mais complexas e silenciosas de violação, compreendida não apenas como um ato isolado, mas também como resultado de construções sociais que reforçam papéis desiguais entre homens e mulheres. Tais construções, sustentadas por estigmas de gênero, contribuem para a legitimação de comportamentos abusivos, a naturalização da violência e o aumento da vulnerabilidade feminina desde a infância e adolescência.

Estudos como o de Duda (2023), realizado no município de Fortaleza, evidenciam que os debates sobre violência sexual são atravessados por concepções de gênero que influenciam tanto a percepção social do fenômeno quanto as formas de acolhimento oferecidas às vítimas. Nesse sentido, torna-se fundamental compreender o contexto no qual a violência ocorre, considerando fatores sociais, institucionais e relacionais que impactam diretamente o reconhecimento da violência e o acesso a serviços de proteção. De acordo com estudos recentes na área da saúde coletiva, a violência pode ser entendida como um fenômeno complexo e multideterminado, que produz impactos significativos nas condições de vida, saúde e bem-estar dos indivíduos, manifestando-se em diferentes dimensões e contextos sociais. Assim, os estigmas de gênero, ao

definirem expectativas rígidas sobre masculinidade e feminilidade, contribuem para o silenciamento das mulheres, a internalização da culpa e a dificuldade em reconhecer situações de abuso (Silva *et al.*, 2020).

Diante desse cenário, a terapia sistêmica apresenta-se como uma importante abordagem teórica e prática para a compreensão da violência, ao considerar o indivíduo inserido em redes de relações. Nessa perspectiva, o sofrimento emocional não é analisado de forma isolada, mas como resultado de dinâmicas interativas construídas ao longo do tempo. Conforme apontam Schuh e Duque (2016), a inclusão do cuidador não abusivo no processo terapêutico possibilita a reconstrução da comunicação familiar, a elaboração de perdas emocionais e a ressignificação das experiências vividas. Nessa mesma direção, estudos recentes na área da terapia sistêmica destacam que a psicoterapia enfatiza os padrões de comunicação, os vínculos e as narrativas que organizam as relações, contribuindo para a transformação de dinâmicas marcadas por controle, submissão e culpabilização (Souza *et al.*, 2020).

Dessa forma, torna-se relevante investigar de que maneira os estigmas de gênero influenciam a violência sexual contra mulheres e como a terapia sistêmica pode contribuir para a ressignificação de dinâmicas relacionais. Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar as implicações dos estigmas de gênero na violência sexual contra mulheres, bem como compreender as contribuições da abordagem sistêmica na reconstrução de vínculos, no fortalecimento da autonomia feminina e na promoção de intervenções clínicas mais sensíveis às dimensões emocionais, relacionais e socioculturais envolvidas nessa problemática.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O CONCEITO DE GÊNERO

Os estigmas de gênero configuram-se como construções sociais e culturais que delimitam papéis considerados apropriados para homens e mulheres, produzindo desigualdades em diferentes dimensões da vida social.

Tais fenômenos manifestam-se por meio de práticas discriminatórias, exclusões simbólicas e desigualdade de oportunidades, reforçando hierarquias baseadas no gênero. Butler (2003) destaca que o gênero não deve ser entendido como uma essência natural, mas como uma construção performativa constantemente reiterada pelas normas sociais.

As implicações desses estigmas tornam-se evidentes na perpetuação de desigualdades estruturais, especialmente nos contextos de trabalho, educação e saúde. Scott (1995) compreende o gênero como uma categoria de análise fundamental para entender as relações de poder e as desigualdades institucionais. Nesse sentido, a naturalização de papéis subordinados atribuídos às mulheres impacta diretamente sua autonomia e possibilidades de ascensão social, ao mesmo tempo em que limita expressões emocionais e afetivas masculinas.

Além do impacto individual, os estigmas de gênero reforçam violências simbólicas e materiais. A culpabilização feminina em casos de violência sexual, por exemplo, é sustentada por estereótipos que associam a mulher à submissão. Saffioti (2004) aponta que a violência de gênero é sustentada por um sistema patriarcal que naturaliza a dominação masculina e mantém relações desiguais de poder.

A partir da perspectiva de Beauvoir (2009), compreende-se que a mulher não nasce com um papel pré-determinado, mas é moldada pelas expectativas culturais ao longo da vida. Assim, muitas mulheres internalizam padrões que limitam sua autoestima, autonomia e capacidade de decisão. Butler (1995) complementa essa discussão ao afirmar que o gênero é produzido pela repetição de normas e práticas socialmente estabelecidas.

Por fim, compreender o gênero como construção social possibilita analisar como fatores como raça, classe e sexualidade atravessam essas relações, evidenciando que masculinidades e feminilidades são construções históricas permeadas por relações de poder.

2.2 VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Do ponto de vista psicológico, os estigmas de gênero influenciam diretamente a formação da identidade e o equilíbrio emocional, favorecendo sentimentos de inadequação e sofrimento psíquico. As normas sociais que definem o que é “ser homem” ou “ser mulher” podem contribuir para o desenvolvimento de quadros de ansiedade, depressão e conflitos internos (Connell, 2005).

A violência de gênero não surge de forma isolada, mas faz parte de uma organização social que coloca homens e mulheres em lugares desiguais (Saffioti, 2015). Quando a dominação masculina é naturalizada, criam-se brechas para justificar ou minimizar diferentes formas de violência, incluindo a violência sexual. Isso ajuda a compreender por que muitas vítimas sentem medo, vergonha ou até responsabilidade pelo ocorrido.

A culpabilização da vítima em casos de violência sexual permanece recorrente, sustentada por crenças sociais que reforçam estigmas de gênero. Essa lógica aparece em discursos que responsabilizam a mulher por sua vestimenta ou comportamento. Estudos indicam que os chamados “mitos do estupro” contribuem para minimizar a gravidade da violência e legitimar a culpabilização da vítima (Murray, Calderón e Bahamondes, 2023).

Além disso, representações sociais deslegitimam a experiência da vítima, colocando em dúvida sua palavra e reforçando estruturas patriarcais (Paiva, Sabadell e Vieira, 2024). Assim, a violência sexual deve ser compreendida como parte de um sistema de dominação mais amplo.

No contexto psicológico, os estigmas de gênero podem fazer com que indivíduos tentem se encaixar em padrões sociais rígidos, deixando de expressar aspectos importantes de si mesmos. A masculinidade hegemônica, por exemplo, impõe comportamentos e expectativas que podem causar sofrimento emocional e afetar as relações sociais.

2.3 TERAPIA SISTÊMICA E VIOLÊNCIA SEXUAL

A violência sexual provoca impactos profundos na saúde mental, sendo frequentemente associada ao Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), além de depressão, ansiedade, culpa, vergonha e isolamento social (Silva *et al.*, 2020). Esses efeitos podem se prolongar ao longo do tempo, afetando autoestima, confiança e identidade. Os estigmas de gênero reforçam a submissão feminina e dificultam a denúncia, contribuindo para o silenciamento das vítimas (Souza *et al.*, 2024; Machado *et al.*, 2026). Nesse contexto, a terapia sistêmica se apresenta como uma abordagem relevante, pois considera a mulher em seu contexto relacional, familiar e social.

Essa abordagem permite compreender padrões de interação, dinâmicas familiares e crenças que mantêm o sofrimento, oferecendo um espaço de ressignificação e reconstrução da autoestima (Becvar, 2017). Ao trabalhar com redes de apoio, a terapia sistêmica contribui para desconstruir crenças culturais prejudiciais e fortalecer a autonomia da mulher.

Além disso, a perspectiva sistêmica entende que o trauma não está apenas no indivíduo, mas nas relações e narrativas construídas. Intervenções grupais e familiares favorecem a reconstrução de vínculos e a redução do isolamento social (Elkjær, 2021). Estudos também mostram que essa abordagem ajuda a identificar padrões geracionais, alianças disfuncionais e problemas de comunicação que aumentam a vulnerabilidade à violência. A partir disso, é possível promover a ressignificação de papéis e a construção de relações mais saudáveis (Thomaz e Marra, 2023; Lima e Rodrigues, 2022).

Assim, a terapia sistêmica possibilita não apenas o tratamento dos sintomas, mas a transformação das relações e dos contextos que sustentam a violência, promovendo autonomia, fortalecimento emocional e reconstrução de vínculos.

3 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa da

literatura, com o objetivo de analisar as implicações da violência de gênero contra mulheres sob a ótica da terapia sistêmica, com ênfase nos estigmas de gênero e em suas repercussões nos contextos relacionais. A revisão narrativa foi escolhida por possibilitar uma compreensão ampliada do tema, articulando diferentes produções teóricas e empíricas. Segundo Fernandes, Vieira e Castelhana (2023), essa metodologia favorece reflexões críticas e interpretações acerca de fenômenos complexos e multifatoriais.

A coleta de dados foi realizada em bases científicas como SciELO, Google Acadêmico e PePSIC, utilizando descritores em português e inglês, como: “violência de gênero”, “violência contra a mulher”, “terapia sistêmica”, “violência sexual” e “estigmas de gênero”, combinados por operadores booleanos (AND e OR).

Como critérios de inclusão, consideraram-se: artigos publicados entre 2016 e 2026, disponíveis na íntegra e relacionados aos aspectos psicológicos, sociais ou relacionais da violência contra a mulher, além de estudos que dialogassem com a perspectiva sistêmica. Foram excluídos trabalhos duplicados, sem relação direta com o tema ou indisponíveis em formato completo.

A seleção ocorreu por meio da leitura de títulos, resumos e textos completos. Ao final, 13 artigos compuseram o corpus de análise. Os dados foram analisados de forma interpretativa e organizados em eixos temáticos, como fatores associados à violência, impactos psicológicos nas vítimas e estratégias de intervenção, possibilitando identificar convergências e divergências na literatura.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, não houve envolvimento direto com seres humanos, dispensando submissão ao comitê de ética. Ainda assim, foram respeitados os princípios de integridade científica, com a devida citação dos autores e preservação da fidedignidade das informações.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 RESULTADOS

Foram analisados 13 estudos sobre violência contra a mulher. A maioria dos artigos é composta por revisões da literatura, ou seja, estudos que analisam pesquisas já existentes. Também foram identificados estudos de caso e outras produções voltadas à compreensão dos aspectos psicológicos, sociais e relacionais envolvidos na temática, evidenciando o caráter interpretativo das pesquisas analisadas.

Os estudos foram organizados em quatro aspectos principais: fatores associados à violência (n=5), perfil dos autores de violência (n=3), impactos psicológicos nas vítimas (n=3) e estratégias de intervenção (n=6). Destaca-se que alguns artigos abordaram mais de um tema, sendo incluídos em mais de uma categoria.

Em relação aos fatores associados à violência contra a mulher (n=5), os estudos mostram que essa situação está ligada a elementos sociais e culturais, como a desigualdade de gênero, normas patriarcais e a naturalização da violência nas relações. Além disso, fatores como dependência emocional e econômica também contribuem para a permanência no ciclo de violência. Foram ainda verificadas dificuldades nos serviços de saúde, tais como: baixa identificação de casos, condução inadequada do atendimento às vítimas e falta de encaminhamento para serviços especializados.

Quanto ao perfil dos autores de violência (n=3), os estudos apontam características em comum, como histórico de vivência de violência no ambiente familiar, dificuldades no controle emocional e crenças rígidas sobre os papéis de gênero. Além disso, foi identificada associação entre o comportamento agressivo e o uso de substâncias psicoativas, especialmente o álcool, que pode intensificar as situações de violência.

No que se refere aos impactos psicológicos nas vítimas, os estudos apontam consequências importantes para a saúde mental, como ansiedade, depressão, baixa autoestima e ideação suicida. Esses resultados mostram que

a violência contra a mulher pode causar efeitos profundos e duradouros na saúde psicológica.

As estratégias de intervenção foram abordadas em seis estudos (n=6), incluindo ações voltadas tanto para as mulheres em situação de violência quanto para os autores das agressões. Entre as estratégias identificadas estão o acompanhamento psicológico, intervenções na abordagem terapia cognitivo-comportamental e na sistêmica, além de atividades em grupo. De modo geral, essas estratégias mostraram resultados positivos, contribuindo para a diminuição de comportamentos agressivos, o fortalecimento da autonomia das mulheres e a redução da repetição da violência.

Com base nos resultados, os estudos mostram que a violência contra a mulher é um problema complexo, influenciado por fatores individuais, relacionais e sociais, o que exige ações integradas e a participação de diferentes profissionais para o seu enfrentamento.

Quadro 1: Resumo dos estudos selecionados

AUTORIA	ANO	PAÍS	MÉTODO	PRINCIPAIS CONCLUSÕES:
Poletto <i>et. al</i>	2018	Brasil	Revisão Sistemática	Intervenções psicológicas <i>para homens perpetradores</i> de violência contra mulheres, como o acompanhamento especializado em manejo da raiva, resolução de conflitos e melhoria de relações interpessoais influenciam significativamente a redução da problemática.
Normidio Bini <i>et.al</i>	2023	Brasil	Revisão Sistemática	A transgeracionalidade diretamente ligada a violência. Também, os resultados de violência de qualquer tipo: física, psicológica, sexual.
Fernandes <i>et.al</i>	2025	Brasil	Revisão de escopo	Mulheres são expostas a variadas formas de violência, onde existem os contextos de polivitimização , que dificulta o reconhecimento e a saída de ambientes não seguros.
Soares <i>et.al</i>	2025	Brasil	Revisão de escopo	Influência dos sentimentos, em destaque o <i>medo</i> , como fator significativo de não procura a ajuda profissional por mulheres, em casos de violência.
Pinheiro <i>et.al</i>	2023	Brasil	Revisão Sistemática	O uso de substâncias por parceiros pode ser um fator considerável para forçar relações sexuais não desejadas com a companheira, no sentido de uso frequente e/ou exagerado, onde também o sujeito <i>já</i> é predisposto a comportamentos violentos.

Cruz <i>et.al</i>	2021	Brasil	Revisão Narrativa	Compreender a violência não se refere somente a saúde pública, exigindo o setor saúde, mas permeia toda a sociedade. Serviços de saúde não podem se resumir a <i>somente</i> a prática medicalizadora, mas compreender a complexidade das questões sociais.
Cerqueira <i>et.al</i>	2022	Brasil	Revisão Sistemática	Consequências psicológicas em mulheres vítimas de violência incluem: esquemas desadaptativos de rejeição, desconfiança, privação emocional, isolamento social, vergonha. <i>O esquema mais ativo no indivíduo, pode fazer com que ele se sinta merecedor do sofrimento que uma relação disfuncional lhe cause.</i>
Oliveira <i>et.al</i>	2023	Brasil	Revisão de Literatura	Os efeitos negativos após uma violência sexual para a mulher além do físico, podem incluir rompimento com o parceiro, desemprego, situações que podem gerar deterioração no funcionamento de sua vida, o que leva a um auto-risco de depressão e quadros de ansiedade.
Carreta <i>et. al</i>	2024	Brasil	Revisão de Literatura	Sob a perspectiva da terapia familiar sistêmica, os indivíduos são compreendidos como produtos de seu contexto relacional. Assim, a análise das problemáticas não se restringe às características individuais, mas envolve a identificação dos padrões de interação e das dinâmicas de influência que organizam o funcionamento entre os membros do sistema familiar.
Machado <i>et.al</i>	2026	Brasil	Qualitativa	Saúde mental e violência, uma cultura de silenciamento e julgamento, que alimenta a naturalização do controle masculino em relação as mulheres.
Sanchez <i>et.al</i>	2026	Brasil	Revisão de escopo	Impactos da violência apresentam mais tendência a sintomas de ansiedade, sintomas depressivos e transtorno do estresse pós traumático.
Ferreira, Nádia	2019	Brasil	Estudo de caso	Análise dos comportamentos e dinâmicas relacionais no contexto da psicoterapia de casal, buscando compreender as percepções da vítima e do agressor sobre a relação e os padrões de interação envolvidos na violência.
Souza <i>et.al</i>	2024	Brasil	Revisão de literatura	Dimensões de gênero são estruturantes na constituição subjetiva de homens e mulheres e na organização das relações sociais estabelecidas a partir da desigualdade de poder entre elas.

Fonte: Autores

A partir dos resultados analisados, observa-se que a violência contra a mulher é influenciada por fatores individuais, relacionais e socioculturais, como

desigualdade de gênero, normas patriarcais e naturalização da violência nas relações. Além disso, a dependência emocional e econômica das vítimas pode dificultar o rompimento do ciclo de violência.

Quanto aos autores da violência, destacam-se fatores como histórico de violência, dificuldades no controle emocional e uso abusivo de álcool. Já nas vítimas, foram identificados impactos psicológicos como ansiedade, depressão, baixa autoestima e sofrimento emocional. As estratégias de intervenção, incluindo acompanhamento psicológico, abordagens terapêuticas e atividades em grupo, apresentaram resultados positivos no fortalecimento da autonomia das mulheres e na redução da recorrência da violência.

4.1 DISCUSSÃO

A partir da análise dos estudos selecionados, observou-se que a violência de gênero contra a mulher está relacionada a diferentes fatores individuais, relacionais e socioculturais. No entanto, por se tratar de uma revisão narrativa, é importante reconhecer que os achados não derivam de critérios rígidos de sistematização, o que implica possíveis vieses na seleção e interpretação dos estudos. Ainda assim, os resultados permitem identificar padrões consistentes que dialogam com a literatura da área e sustentam uma leitura ampliada do fenômeno.

Sob a ótica da terapia sistêmica, os dados reforçam a compreensão de que a violência não pode ser reduzida a características individuais, mas deve ser analisada a partir dos padrões de interação e dos contextos nos quais os sujeitos estão inseridos (Carreta *et al.*, 2024). Essa perspectiva tensiona abordagens mais individualizantes, que tendem a patologizar vítimas ou autores, desconsiderando as dinâmicas relacionais e as estruturas sociais que sustentam a violência.

Nesse sentido, a centralidade de fatores como desigualdade de gênero, normas patriarcais e naturalização da violência aponta para a dimensão estrutural do problema. Conforme discutido por Souza *et al.* (2024), as relações de gênero organizam-se historicamente a partir de assimetrias de poder, o que

contribui para a legitimação de práticas de dominação. Machado *et al.* (2026) complementam essa análise ao evidenciar a existência de uma cultura de silenciamento, que não apenas invisibiliza a violência, mas também responsabiliza as próprias mulheres por sua ocorrência. Tais achados indicam que intervenções restritas ao nível individual tendem a ser insuficientes se não houver questionamento das estruturas que sustentam essas desigualdades.

No plano relacional, a dependência emocional e econômica aparece como um elemento relevante para a manutenção do ciclo de violência, porém sua interpretação exige cautela para evitar leituras culpabilizantes. Fernandes *et al.* (2025) destacam que a polivitimização pode comprometer a capacidade de reconhecimento da violência, enquanto Soares *et al.* (2025) apontam o medo como um fator central na não busca por ajuda. Esses elementos sugerem que a permanência em relações violentas não pode ser compreendida como escolha individual simples, mas como resultado de um entrelaçamento de fatores subjetivos e contextuais.

A presença da transgeracionalidade, conforme apontado por Normidio Bini *et al.* (2023), amplia essa discussão ao indicar que padrões de violência podem ser reproduzidos ao longo das gerações. No entanto, é necessário problematizar o risco de determinismo implícito nessa leitura, uma vez que nem todos os indivíduos expostos à violência reproduzem tais padrões. Assim, a transmissão transgeracional deve ser compreendida como um fator de risco, e não como um destino inevitável.

Em relação aos autores de violência, os estudos destacam características como dificuldades no controle emocional e crenças rígidas sobre papéis de gênero. Embora Poletto *et al.* (2018) apontem a eficácia de intervenções voltadas ao manejo da raiva e resolução de conflitos, é importante problematizar abordagens que focalizam exclusivamente habilidades individuais, desconsiderando os contextos sociais que legitimam a violência. Da mesma forma, o uso de substâncias psicoativas, conforme discutido por Pinheiro *et al.* (2023), aparece como fator associado, mas não explicativo, evitando-se reducionismos que atribuam causalidade direta ao consumo de álcool.

Os impactos psicológicos nas vítimas são amplamente descritos, incluindo ansiedade, depressão e ideação suicida. Sanchez *et al.* (2024) destacam a relação com sintomas de transtorno de estresse pós-traumático, enquanto Oliveira *et al.* (2023) apontam prejuízos significativos no funcionamento global. Cerqueira *et al.* (2022), ao abordar esquemas desadaptativos, contribuem para a compreensão de como a violência pode ser internalizada pelas vítimas. Contudo, é fundamental evitar interpretações que individualizem o sofrimento, deslocando o foco das condições estruturais que produzem tais efeitos.

No campo das intervenções, observa-se predominância de abordagens psicológicas, com destaque para a terapia cognitivo-comportamental e a terapia sistêmica. Cruz *et al.* (2021) alertam para a limitação de práticas centradas exclusivamente na medicalização, defendendo uma abordagem mais ampla e intersetorial. Ainda assim, os estudos analisados apresentam pouca problematização acerca da efetividade a longo prazo dessas intervenções, bem como escassez de avaliações que considerem diferentes contextos socioculturais.

Adicionalmente, a literatura analisada evidencia fragilidades nos serviços de saúde, como a baixa identificação dos casos e a inadequação no atendimento. Esses achados sugerem não apenas lacunas na formação profissional, mas também limitações estruturais dos serviços, que muitas vezes não estão preparados para lidar com a complexidade da violência de gênero.

Por fim, destaca-se que, embora a perspectiva sistêmica contribua significativamente para a ampliação do olhar sobre a violência, sua aplicação prática ainda enfrenta desafios, especialmente no que se refere à articulação com políticas públicas e redes de apoio. Assim, torna-se fundamental investir em estratégias que integrem diferentes níveis de intervenção, individual, familiar, comunitário e estrutural, evitando abordagens reducionistas.

Dessa forma, a presente revisão narrativa, apesar de suas limitações metodológicas, possibilita uma compreensão crítica da violência de gênero, evidenciando a necessidade de intervenções que ultrapassem o âmbito individual e considerem os múltiplos sistemas que sustentam esse fenômeno.

5 CONCLUSÃO

A presente revisão narrativa teve como objetivo analisar as implicações dos estigmas de gênero na violência contra mulheres, à luz da terapia sistêmica, considerando as dimensões individuais, relacionais e socioculturais envolvidas nesse fenômeno. A partir da análise dos estudos selecionados, foi possível compreender que a violência de gênero se configura como uma problemática complexa e multifatorial, sustentada por desigualdades estruturais, normas patriarcais e processos de naturalização da violência.

Os achados evidenciam que os estigmas de gênero desempenham papel central na perpetuação da violência, ao reforçarem padrões rígidos de masculinidade e feminilidade que contribuem para o silenciamento das vítimas, a culpabilização feminina e a dificuldade de reconhecimento das situações de abuso. Além disso, fatores como dependência emocional e econômica, medo e polivitimização foram identificados como elementos que dificultam o rompimento com o ciclo de violência, evidenciando a necessidade de uma compreensão ampliada e não individualizante desse fenômeno.

No que se refere aos impactos psicológicos, observou-se que a violência contra a mulher está associada a prejuízos significativos à saúde mental, incluindo sintomas de ansiedade, depressão, baixa autoestima e ideação suicida, o que reforça a urgência de intervenções qualificadas e sensíveis às especificidades dessas experiências. Nesse contexto, a terapia sistêmica mostrou-se uma abordagem relevante, ao possibilitar a compreensão das dinâmicas relacionais, dos padrões de interação e das narrativas que sustentam o sofrimento, contribuindo para a ressignificação de vínculos e o fortalecimento da autonomia das mulheres.

Entretanto, destaca-se que, por se tratar de uma revisão narrativa, este estudo apresenta limitações quanto à ausência de critérios rígidos de sistematização, o que pode implicar vieses na seleção e análise dos estudos. Além disso, observa-se a necessidade de ampliação de pesquisas empíricas que investiguem a efetividade das intervenções psicológicas a longo prazo, bem como estudos que considerem diferentes contextos socioculturais.

Por fim, conclui-se que o enfrentamento da violência de gênero requer estratégias integradas que ultrapassem abordagens exclusivamente individuais, incorporando intervenções nos níveis familiar, comunitário e estrutural. Nesse sentido, a articulação entre políticas públicas, serviços de saúde e práticas clínicas fundamentadas em perspectivas críticas, como a terapia sistêmica, mostra-se fundamental para a promoção de um cuidado mais efetivo, ético e comprometido com a transformação das condições que sustentam a violência contra mulheres.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BECVAR, Dorothy Stroh; BECVAR, Raphael J. **Terapia familiar sistêmica**. Porto Alegre: Artmed, 2017.
- BINI, Mara Cristina Normidio; SILVA, Andressa Melina Becker da. **Violência contra a mulher: uma revisão sistemática da literatura na perspectiva da psicologia**. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 16, n. 2, 2023.
- BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher**. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 8 ago. 2006.
- BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1995.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **Variations on sex and gender**: Beauvoir, Wittig and Foucault. In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla (org.). *Feminism as critique*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995.
- CARRETA, Mariana *et al.* **A perspectiva sistêmica na compreensão da violência familiar**. *Revista de Terapia Familiar*, 2024.
- CERQUEIRA, Daniel *et al.* **Impactos psicológicos da violência contra a mulher**. *Revista Brasileira de Saúde*, 2022.
- CERQUEIRA, Luiza Caroline Dias; MENDES, Dionéia Luciane. **Os esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) de mulheres em situação de violência conjugal e a terapia do esquema como estratégia de intervenção: uma revisão sistemática da literatura**. *Perspectiva: Ciência e Saúde*, Osório, v. 7, n. 1, p. 66-93, 2022.
- CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. 2. ed. Berkeley: University of California Press, 2005.
- CRUZ, Maria *et al.* **Violência contra a mulher e os desafios na saúde pública**. *Revista de Saúde Coletiva*, 2021.
- CRUZ, Nayara Mendes *et al.* **Trajetórias atuais da gestão do SUS no enfrentamento à violência de gênero: uma revisão narrativa**. *Revista Baiana de Saúde Pública*, Salvador, v. 45, n. 2, p. 160-171, 2021.

DUDA, Rayane Lima. **Violência sexual e debate de gênero: avaliação em profundidade da rede de enfrentamento à violência contra a mulher no município de Fortaleza/CE**. 2023. 120 f. Dissertação (Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

ELKJAER, Bente. **Terapia sistêmica e dinâmicas relacionais**. Journal of Family Therapy, 2021.

FERNANDES, Adriana Micaeli Gomes Rocha; CARRETA, Priscila Maciel. **Sistemas familiares violentos: por que as mulheres permanecem nesta relação?** *Revista Farol*, Rolim de Moura, v. 21, n. 21, p. 143-158, jun. 2024.

FERNANDES, Sheyla Christine Santos *et al.* **Violência contra a mulher baseada no gênero: uma revisão de escopo**. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 5, 2025.

FERNANDES, Jaciara Mayara Batista; VIEIRA, Lidiane Torres; CASTELHANO, Marcos Vitor Costa. **Revisão narrativa enquanto metodologia científica significativa: reflexões técnicas-formativas**. REDES – Revista Educacional da Sucesso, 2023. Disponível em: Revista Educacional da Sucesso.

FERREIRA, Nádia de Melo. **Intervenção sistêmica no contexto da terapia com um homem autor de violência contra mulher: estudo de caso**. *Nova Perspectiva Sistêmica*, n. 63, p. 109-125, abr. 2019.

LIMA, Carla; RODRIGUES, Paulo. **Intervenções sistêmicas em contextos de violência**. *Revista de Terapia Familiar*, 2022.

MACHADO, Dinair Ferreira; SANTOS, Ana Paula Leme dos; MANELLI, Jéssica Pereira. **Violência contra a mulher e tentativas de suicídio: expressões da letalidade patriarcal**. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, v. 149, n. 3, e66284515, 2026.

MACHADO, Juliana *et al.* **Saúde mental e violência: cultura de silenciamento e naturalização do controle masculino**. *Revista de Psicologia Social*, 2026.

MURRAY, Sarah; CALDERÓN, Juan; BAHAMONDES, Luis. **Mitos do estupro e suas implicações sociais**. *Revista Latino-Americana de Psicologia*, 2023.

NICHOLS, Michael P.; SCHWARTZ, Richard C. **Terapia familiar: conceitos e métodos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

NORMIDIO BINI, Carla *et al.* **Transgeracionalidade e violência familiar**. *Revista de Psicologia*, 2020.

OLIVEIRA, Victor Tavares de *et al.* **Atendimento a mulheres vítimas de violência sexual: uma revisão de literatura.** *Periódicos Brasil: Pesquisa Científica*, v. 5, n. 3, p. 1256-1266, 2023.

PAIVA, Vera; SABADELL, Ana; VIEIRA, Luiza. **Representações sociais e violência de gênero.** *Revista Psicologia & Sociedade*, 2024.

PINHEIRO, João *et al.* **Uso de substâncias psicoativas e comportamento agressivo.** *Revista de Saúde Mental*, 2023.

PINHEIRO, Letycia Maria Santana; ANDRADE, Thais Afonso. **Perfil de homens autores de violência contra as mulheres: revisão sistemática da literatura brasileira.** *Psicologia Revista*, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 82-101, 2023.

POLETO, Mariana Pasquali; RENNEN, Anelise Meurer; REBESCHINI, Carol; ARTECHE, Adriane Xavier. **Intervenções psicológicas para homens perpetradores de violência contra a mulher: uma revisão sistemática.** *Contextos Clínicos*, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p. 268-283, 2018.

PORTO, Pedro Rui da Fontoura. **Violência doméstica e familiar contra mulher: Lei 11.340/06: análise crítica e sistêmica.** 3. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado e violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SÁNCHEZ, Odette del Risco *et al.* **Violência de gênero no Brasil: revisão de escopo sobre fatores de risco e agravos à saúde.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 31, n. 2, e17332024, 2026.

SANTOS, Cecília MacDowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. **Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil.** *E.I.A.L. Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, Tel Aviv, v. 16, n. 1, p. 147-164, 2005.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Leila Maria de; SILVA, Diego da. **A contribuição da psicologia sistêmica a mulheres vítimas de violência doméstica.** *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 10, n. 7, p. 225-245, 2024.

SILVA, Maria *et al.* **Violência sexual e saúde mental.** *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2020.

SOARES, Ana Keila; LANGE, Fernanda Cornelius; LINDNER, Sheila Rubia. **Fatores que interferem na abordagem da violência por parceiro íntimo na Atenção Primária à Saúde: revisão de escopo.** *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 8, e12542024, 2025.

SOARES, Juliana *et al.* **Barreiras na busca por ajuda em mulheres vítimas de violência.** *Revista de Psicologia*, 2025.

SOUZA, Carla *et al.* **Dimensões de gênero e desigualdade social.** *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 10, n. 5, 2024.

SOUZA, Leila Maria de; SILVA, Diego da. **A contribuição da psicologia sistêmica a mulheres vítimas de violência doméstica.** *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE*, São Paulo, v. 10, n. 7, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i7.14646.

THOMAZ, Renata; MARRA, Fernanda. **Terapia sistêmica e violência familiar.** *Revista de Terapia Familiar*, 2023.